



Camila Fernanda
Guimarães Santiago

Do impresso à pintura

O exame dos livros relacionados nos inventários de pintores atuantes na Minas colonial e nos primeiros tempos da Independência faz supor que muitos desses artistas se basearam em paradigmas estéticos contidos nessas obras para aplicá-los em seu trabalho pictórico, ainda que os adaptando criativamente à nova realidade.

> O presente trabalho pretende fazer o escrutínio das bibliotecas particulares de pintores que atuaram na Capitania, posteriormente Província de Minas Gerais, entre o final do século XVIII e o início do XIX. Serão abordados os conteúdos dos livros que versavam sobre pintura ou que, de alguma maneira, poderiam intervir no trabalho pictural. Com o objetivo de perscrutar leituras realizadas, especial destaque será conferido aos usos que Manoel da Costa Ataíde fez dos livros que possuía. Entrevê-se, assim, o papel desempenhado pelos impressos nos processos pictóricos, ponderando-se sobre as influências de seus conteúdos e os impactos que acarretaram no universo visual do período.

Pintores e livros

Para conhecer os livros que os pintores possuíam, foi processada ampla pesquisa documental com vistas à identificação dos inventários *post-mortem* dos artistas. Primeiramente, com base em bibliografia pertinente, foi elaborada uma lista com nomes de pintores que atuaram em Minas Gerais no período em estudo. Só foram considerados inventários que apresentassem algum indício de se referir, efetivamente, a algum pintor, tomando como critério a existência de bens relacionados ao exercício da pintura ou de créditos contraídos junto a instituições encomendantes de obras, tais como irmandades e ordens terceiras.¹ Sete inventários foram confirmados como pertencentes aos seguintes artistas: capitão Luiz da Costa Ataíde, Manoel da Costa Ataíde, Marcelino da Costa Pereira, Francisco Moreira de Oliveira, Feliciano Manoel da Costa, Francisco Xavier Carneiro e Caetano Luiz de Miranda. Não serão tratados os inventários de Feliciano Manoel da Costa e Francisco Moreira de Oliveira, pois neles não há nenhum livro arrolado.²

O processo de inventário de Luiz da Costa Ataíde foi aberto em 1802.³ Ele trabalhou na ornamentação da capela da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo,

em Mariana.⁴ Seus bens apontam para o exercício de atividades profissionais diversificadas, desde o ofício militar, acusado por suas armas, passando pela mineração, tendo em vista a presença de almocafres e balança de pesar ouro, por exemplo.⁵ A biblioteca do capitão era composta de três livros, cujos títulos e avaliações pecuniárias são os seguintes: “Hum livro *Erario mineral de cirurgia* \$600 [seiscentos réis]; Hum livro piqueno *Mestre da vida* [...] \$300 (trezentos réis); Humas *Oras portuguesas* piquenas \$150 (cento e cinquenta réis)”.⁶

Os herdeiros de Luiz da Costa Ataíde eram seus filhos: Izabel, padre Antonio da Costa Ataíde, alferes Manoel da Costa Ataíde, que abdicou da legítima paterna, o tenente Domingos da Costa Ataíde, inventariante, e Sebastião da Costa Ataíde, que se encontrava desaparecido havia mais ou menos 28 anos. Coube ao padre Antonio da Costa Ataíde as *Oras portuguesas*.⁷ Os outros dois livros do capitão foram herdados por Sebastião, desaparecido, e logo disponibilizados em leilão em praça pública, com os demais bens recebidos por esse filho. Os livros não foram arrematados.

O processo de inventário de Manoel da Costa Ataíde iniciou-se em 1832, a partir da demanda de uma de suas herdeiras, Francisca Roza de Jesus. Ataíde possuía alguns bens relacionados com suas patentes militares de sargento e de alferes, tais como pistolas e espingardas, além de chácara de terras e instrumentos musicais, entre outros pertences.⁸ Os livros do pintor eram: “Hum livro da *Bíblia* estampado por 4\$800 (quatro mil e oitocentos réis); Hum *Dº Segredo das Artes* dous Tomos 2\$000 [dois mil réis]; *Dicionário Francês* 2\$000 [dois mil réis]”.⁹ Entre a morte do pintor e a abertura do seu inventário, passaram-se dois anos, durante os quais alguns pertences ficaram com o filho do finado, Francisco de Assis Ataíde, entre eles os livros.¹⁰ Provavelmente, Francisco usufruiu dos volumes nas suas atividades de pintor, visto ter dourado talha no camarim do altar-mor da capela da Ordem Terceira do Carmo, de Ouro Preto, em 1830.¹¹

A *Bíblia* estampada de propriedade de Manoel da Costa Ataíde era, certamente, a *Histoire Sacrée de la Providence et de la Conduite de Dieu sur les Hommes depuis le Commencement du Monde jusq’aux Temps prédits dans l’Apocalypse*,¹² pois o pintor a tomou como manancial de modelos para suas criações em diversas oportunidades. Suas gravuras, algumas abertas a partir de obras do renascentista Rafael Sanzio, não apenas a ilustram, mas são seu elemento principal. O livro se organiza em estampas que tomam toda a extensão das páginas. Cada imagem representa uma importante passagem do Antigo ou do Novo Testamento. Sob cada uma das cenas, há um título e breve trecho retirado das Sagradas Escrituras, referente ao episódio em questão, em versões latina e francesa.

É provável que o livro de Ataíde listado em seu inventário como *Segredo das Arte dous tomos* seja um dos seguintes livros de segredos: *Segredos necessarios para os officios, artes e manufaturas* e *para muitos objetos sobre a economia doméstica* ou *Segredos das Artes Liberaes e Mecanicas*.¹³

Os livros de segredos tratam de assuntos variadíssimos, como aspectos referentes ao cotidiano doméstico, por exemplo o preparo de café, além de rudimentos de metalurgia, mineração, dicas para a beleza do corpo, brincadeiras, entre outros. Apresentam ensinamentos sobre pintura, com destaque para a produção de pigmentos. O *Segredos necessarios para os officios, artes e manufaturas* explica, de forma bastante didática, as técnicas e procedimentos envolvidos na produção pictórica à têmpera, afresco e a óleo.

Marcelino da Costa Pereira, pintor pardo, natural de Vila Rica, morreu viúvo e sem filhos em 1858.¹⁴ Trabalhou na capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, de Ouro Preto, e na capela da Ordem Terceira do Carmo, da mesma cidade.¹⁵ Foi aprendiz de Ataíde, usufruindo, provavelmente, dos livros do mestre.

Possuía móveis, quadros, oratório, uma espingarda, duas moradas de casas e “hum livro dos quatro evangelhos”.¹⁶

Francisco Xavier Carneiro, responsável por importantes pinturas mineiras, como o forro da nave da capela da Ordem Terceira de São Francisco, Mariana, e o forro da nave da matriz de Santo Antônio, Itaverava, possuía interessante biblioteca. Seu inventário data de 1840. Era tenente e possuía casas, escravos, móveis e livros, citados na descrição dos bens da seguinte maneira: “Sete livros a saber: *Profecias de Isaías*, duas *Evas e Ave*, *As sciencias das sombras relativas ao dezenho*, *Segredo necessário para as Artes da pintura*, *Orthografia portugueza...3\$000* [três mil réis]”.¹⁷ Alguns desses títulos deveriam ter mais de um volume, o que explica a menção a sete livros.

O livro *Eva e Ave, ou Maria Triunfante*, do jurista Antonio de Souza Macedo, disserta sobre a degeneração da humanidade, motivada pelo pecado de Eva, e glorifica a remissão desse estado, anunciada pelo arcanjo Gabriel, pela misericórdia e pureza marianas. Percorre várias passagens da história sagrada e aborda assuntos como a invenção e o desenvolvimento da música, da retórica, da ciência, dos livros, da pintura, da escultura, explicando como tais criações humanas foram contaminadas e mal utilizadas pelos homens, maculados pelo pecado original.¹⁸

A *sciencia das sombras* tem como finalidade ensinar arquitetos a representarem, nos seus riscos e projetos, as sombras capazes de garantir a impressão de tridimensionalidade. Também, prevê-se útil aos “que exprimem primeiramente a sua idea pelo desenho”¹⁹ – pintores, gravadores e escultores. Intenciona orientar como assombrar desenhos de telhados, fachadas, colunas e outros elementos de arquitetura, citados esporadicamente ao longo dos capítulos, uma vez que a maior parte do texto versa sobre figuras geométricas. Só o último capítulo dedica-se, especificamente, a

partes arquitetônicas ao tratar da natureza das sombras sobre colunas, capitéis, cornijas.²⁰

O segredo do baú

O livro de segredos de Francisco Xavier Carneiro, outro dos pintores mineiros inventariados, devia ser um dos já abordados quando do exame da biblioteca de Manoel da Costa Ataíde. No processo de partilha dos bens, realizado em 1843, os livros do pintor ficaram com sua esposa, D. Joaquina Theodora, que, na ocasião, já estava casada com Antonio Alves de Almeida.²¹

Em 1844, a viúva de Francisco Xavier Carneiro já estava morta e novos dados foram acrescentados ao inventário. O cura José Bonifácio de Souza Barradas procurou o juiz municipal participando-lhe que uma paroquiana, em segredo, entregara-lhe uma caixa aberta com uma viola dentro e um baú de pau fechado e sem chave. A anônima disse ao padre que a falecida viúva de Francisco Xavier Carneiro havia, às escondidas, entregado os ditos objetos para ela guardar “e por isso se pode presumir que ela ocultou o que dentro existe ao inventário do mesmo Carneiro”.²²

A Justiça autorizou o arrombamento do baú de pau, onde foi encontrado pequeno tesouro, como peças em ouro, prata, créditos, imagens de santos e livros. A inclusão de oito títulos junto com tantos artigos preciosos sugere que foram considerados, por Joaquina, objetos de grande valor. Os títulos eram os seguintes: “hum *Riponço da Semana Santa*, humas *Oras Marianas*, hum *Livro de voto de Santa Bárbara*, outro dito de *Instrução de Doutrina Christam*, *Arte de Pintura*, *Análise do escrúpulo theologico*, *Novena de Menino Deus*, dous livros da *História Sagrada*”.²³

Os bens encontrados no baú da viúva de Francisco Xavier Carneiro foram avaliados em 227\$550 (duzentos e vinte

e sete mil, quinhentos e cinquenta réis) e partilhados. Todos os livros ficaram com Antonio Alves de Almeida, que deve ter herdado, quando do falecimento de sua mulher, os outros livros que eram de Francisco Xavier Carneiro e que ficaram com D. Joaquina pela terça.²⁴

Sobre o livro *Arte da pintura*, descoberto no misterioso baú de D. Joaquina Theodora, causa espécie o fato de que, em circulação na época, havia quatro tratados cujo título é *Arte da pintura*, podendo, assim, qualquer um deles corresponder ao que o pintor possuía. Creio que seja pouco provável que se trate do erudito tratado de Francisco Pacheco, mestre e sogro de Velázquez, intitulado *Arte de la pintura*, editado pela primeira vez em 1649, dedicado a questões históricas, teóricas e práticas sobre a pintura. As outras hipóteses para esse livro são: *Arte da pintura: symetria e perspectiva*, de Filippe Nunes, *A arte da pintura*, de C. A. Du Fresnoy, traduzido para o português por Jeronymo de Barros Ferreira e publicado em 1801 pela tipografia do Arco do Cego, ou a tradução, trazida a lume pela mesma oficina, da obra de Gerardo Lairesse, *O grande livro dos pintores ou arte da pintura*.²⁵

A primeira edição do texto de Filippe Nunes é de 1615 e fazia parte de volume mais abrangente denominado *Arte poetica, e da pintura e symetria, com princípios de perspectiva*. Em 1767, foi editada apenas a parte referente à pintura.²⁶ Após um interessante *Prólogo aos pintores sobre a nobreza da Arte da Pintura*, o tratadista aborda três grandes temas: perspectiva, simetria e procedimentos e receitas pertinentes à pintura a óleo, a têmpera, afresco.

O pintor Charles Alphonse Du Fresnoy redigiu seu tratado durante o período em que estudava na Itália, entre 1632 e 1656. Ele organizou o texto em pequenas seções intituladas *Preceitos*. Após três preceitos iniciais – *Do Bello*; *Da Theoria e da Pratica*; *do Assumpto, ou Motivo*²⁷ – o livro é dividido em três partes. Na primeira delas – “Invenção

Michael Demame. O sacrifício de Abraão. Gravura a buril. Paris. In: DEMARNE, Michel. *Histoire Sacree de la Providence et de la Conditte de Dieu sur les Hommes. Depuis le Commencement du Monde jusques aux Temps preits dans l'Apocalypse*. Paris: Chez l'Auler, 1730. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.



da pintura” – o pintor orienta o leitor sobre diretrizes que devem instrumentalizar uma invenção.²⁸ A segunda parte intitula-se “Do desenho” e ensina como um belo desenho pode ser realizado, primando pelo equilíbrio do conjunto, pela centralidade da figura principal, pela aversão a efeitos geométricos e a escorços audaciosos e pela diversificação de atitudes, gestos e caracterizações de personagens que se aglomeram em uma mesma cena.²⁹ A terceira parte do tratado versa sobre “Colorido ou cromática” e oferta instruções sobre a disposição das cores e da iluminação em uma pintura de maneira que a clareza seja favorecida e as cores auxiliem na unidade da composição.³⁰

O foco do tratado de Laresse é o desenho. O livro dirige-se aos professores de desenho, ensinando a ensinar a desenhar, embora possa ser facilmente manuseado por autodidatas. Começa com rudimentos sobre como traçar linhas e complexifica as lições até ensinar o desenho do corpo humano, etapa mais sofisticada que demanda, para seu bom desempenho, noções de anatomia baseadas na concepção de encaixe de partes independentes.

Uma fortuna no Tejuco

Biblioteca notável possuía o pintor Caetano Luiz de Miranda, morador do Arraial do Tejuco, Comarca do Serro do Frio, responsável por trabalhos de pintura na igreja de Nossa Senhora das Mercês, de Diamantina.³¹ Em 1837, seu inventário foi aberto. Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo e declarou-se casado com D. Rita Modesta Pereira da Silva, com quem teve um filho, Carlos Luis de Miranda. Teve mais cinco filhos com outras mulheres, um dos quais não foi arrolado como herdeiro por estar desaparecido.³²

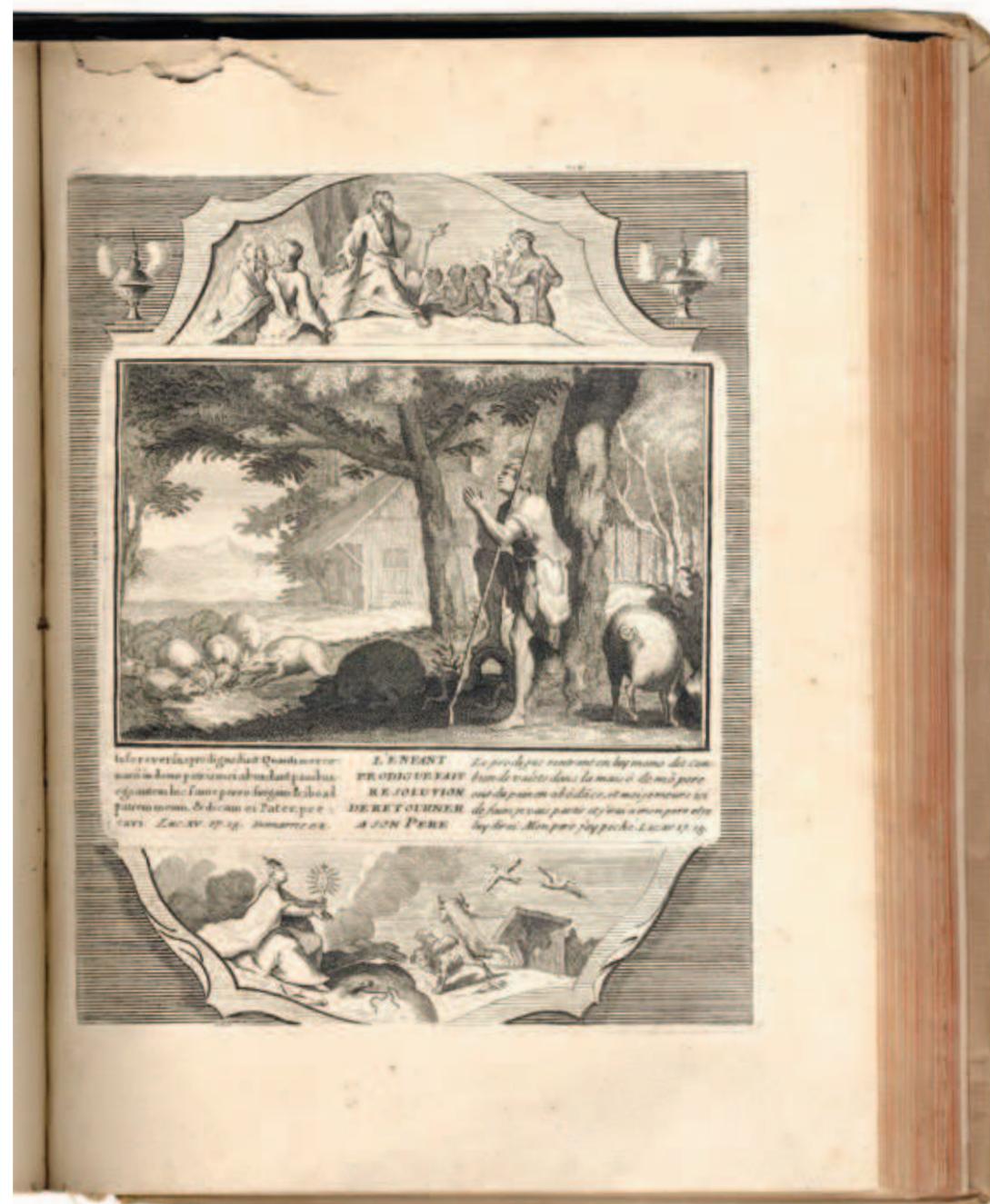
A lista de bens de Miranda é extensíssima, daí ter sido realizada em vários dias. O monte-mor perfaz 28:172\$980 (vinte e oito contos, cento e setenta e dois mil e novecentos e oitenta réis), composto por

ampla variedade de bens móveis, artigos de luxo, joias, pratarias, armas, imóveis, além de 22 escravos.³³ Luiz de Miranda possuía bens relacionados com sua atividade de pintor, como 36 exemplares de desenhos para pintores, avaliados em 3\$600 (três mil e seiscentos réis), uma caixa com instrumentos de pintura e pedra de moer tintas.³⁴ Cercava-se de 55 quadros de variados temas, como retratos, episódios históricos e religião.³⁵ Possuía, também, 62 estampas, ilustrações correntemente tomadas como modelo pelos pintores atuantes em Minas Gerais.³⁶ As gravuras eram, na maioria, de temas históricos, embora houvesse, também, paisagens e representações religiosas.³⁷

A biblioteca do pintor era composta por 109 títulos e 351 volumes. Autores clássicos como Tucídides, Heródoto, Cícero e Ovídio estavam aí contemplados, bem como os iluministas – Rousseau, Montesquieu, Voltaire. Há títulos em português, francês e latim. O item mais valorizado eram as obras completas de Rousseau, avaliadas em 20\$000 (vinte mil réis). Os volumes *in folio* possuíam os valores mais altos: “*Calipino*, dois volumes *in folio*, 6\$400 [seis mil e quatrocentos réis]; *Prespectivas dos Pintores*, dois volumes *in folio*, 10\$000 [dez mil réis]”.³⁸ Alguns exemplares não foram avaliados, na maioria dos casos por estarem com os títulos truncados. O título de menor valor foi uma gramática francesa em um volume *in oitavo*: \$100 (cem réis).³⁹ Na partilha, os livros permaneceram juntos e foram herdados pelo filho do defunto, doutor Justiniano Luis de Miranda.

Significativa no espólio de Caetano Luiz de Miranda é a presença do tratado de perspectiva do padre Andrea Pozzo, a circular por região marcada por tradição de pintura de perspectiva,⁴⁰ cujo representante maior foi o pintor bracarense José Soares de Araújo. O principal objetivo do tratado é instruir os pintores a perspectivarem imagens de estruturas arquitetônicas. O livro é organizado em 102 estampas no primeiro volume e 118 no segundo. Cada uma recebe explicação textual pertinente.⁴¹

Michael Demarne. O Filho Pródigo decide voltar para seu pai. Gravura a burla. Paris. In: DEMARNE, Michel. *Histoire Sacree de la Providence et de la Conditte de Dieu sur les Hommes. Depuis le Commencement du Monde jusq'aux Temps preits dans l'Apocalypse*. Paris: Chez l'Auler, 1730. Acervo Biblioteca Nacional de Portugal.



O lido e o vivido

Aclarar leituras passadas é tarefa sempre delicada, pois as práticas raramente deixam marcas, registros acessíveis ao historiador. No caso em questão, é possível desvendar nas obras dos pintores indícios dos usos que fizeram dos volumes que possuíam. Assim, a leitura é inferida ao identificarem-se nas pinturas escolhas estéticas e técnicas preconizadas nos livros. Nem sempre a identificação entre o que foi feito por um pintor e o que ensinava um de seus livros deve ser tomada como indício suficiente para garantir que a leitura foi realizada, pois aquilo que um volume indicava poderia ser apreendido, pelo pintor, por várias outras formas além da leitura.

É pertinente considerar os ambientes de leitura dos artistas em Minas, no período visado, tendo em conta as formas de interação com os impressos verificadas durante o Antigo Regime, quando o mais comum não era a leitura silenciosa e solitária, mas práticas que envolviam os volumes em dinâmicas coletivas de leitura e apropriação, no seio das quais a oralidade e a leitura de oitiva grassavam. O trabalho dos pintores era coletivo, em equipe, viabilizando a troca de experiências e de conhecimentos adquiridos nos livros. As ilustrações tinham papel fundamental, pois favoreciam apropriações dos impressos, inclusive por aqueles que não sabiam ler, no sentido restrito de decodificar signos alfabéticos. As relações com os impressos poderiam priorizar as imagens, em detrimento dos textos.⁴²

Entreveem-se as atitudes de Manoel da Costa Ataíde diante de sua biblioteca, formada por três livros. O título arrolado como *Segredo das Artes* certamente era alvo da atenção do pintor no concernente às receitas de preparação de pigmentos. Claudina Dutra Moresi acredita que esse livro, especificamente, correspondia à obra *Segredos necessários para os officios, artes, e manufacturas* e sedimenta essa hipótese revelando, por meio de análises químicas, que o artista usava as receitas de tintas e pigmentos disponíveis nesse livro.⁴³

A *Bíblia* de Ataíde ofertou-lhe modelos gravados para algumas de suas obras, como as pinturas que imitam azulejos dispostas na capela-mor da capela da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência, Ouro Preto, como já estudou Hanna Levy.⁴⁴ A autora constata que o pintor se prostrou com relativa subserviência diante do que sugeriam as estampas.⁴⁵ Percebo, entretanto, Ataíde a se apropriar dos impressos de forma bastante inventiva ao suprimir nas suas pinturas detalhes em relação às gravuras tomadas como modelos, transformar as feições dos personagens, conferir fluidez e arredondar as linhas do desenho e inserir as cenas em molduras *rocaille*, ornamento profusamente usado nas pinturas mineiras da época.

Ataíde interessou-se não apenas pela generosa oferta de modelos gravados dessa *Bíblia*, mas também pelos textos que acompanham cada gravura, em latim e em francês. Certamente por isso adquiriu, como consta em seu inventário, um dicionário de francês. Daí dispor, nas suas pinturas que imitam azulejos, versões aproximadas, em português, dos títulos e dizeres em francês constantes nas estampas. As pinturas, tomadas como registros de leitura, desvelam um Ataíde penduleando sua atenção da *Bíblia* para o dicionário, e dos livros para suas ações criativas.

Na matriz de Santo Antônio, em Santa Bárbara, o mestre manuseou sua *Bíblia* como fonte criadora em outras situações, para além das imitações de azulejos da capela-mor, com os mesmos temas verificados em Ouro Preto, inclusive com inscrições. Refiro-me a duas pinturas dispostas na capela-mor, cujos temas são o filho pródigo, uma quando este decide retornar para seu pai e a outra em que figura o seu retorno.⁴⁶

Cotejando a matriz gravada em livro com a pintura do marianense que representa a decisão do filho pródigo de voltar para seu pai, percebem-se, de início, as intervenções de Ataíde para verticalizar a cena,

procedimento favorecido pelo fato de a estampa sugerir um movimento ascendente que acompanha dois troncos de árvores. Ele reduziu o espaço pictural para a área compreendida entre a árvore em que o personagem principal está encostado, e a final, à direita, representada pelo telhado da casa ao fundo. Conseqüentemente, o pintor deslocou para a posição mais central o rebanho que dorme à esquerda da composição e o animal que está deitado na extremidade direita. Conforme suas predileções estéticas, Ataíde usou linhas mais ondulantes e fluidas, em relação ao retílineo tracejado do buril, amenizou os contrastes de sombreados e deixou o céu, no fundo superior da imagem, aparente, clareando a composição.

Esforços de verticalização também foram empregados na outra pintura, a representação do retorno do filho pródigo. Nesse caso, Ataíde simplesmente eliminou de sua composição tudo o que, na gravura, extrapola, para as laterais, o complexo arquitetural composto por quatro colunas coríntias: a escada com personagens e a cena de pastoreio sob o arco. Outras transformações, bastante semelhantes às operadas em relação à pintura anterior, podem ser observadas, em comparação à gravura, tais como sombras mais brandas e traços mais fluidos.

As constatações acerca da postura de Manoel da Costa Ataíde diante de sua bela *Bíblia* devem suplantar a simples identificação das estampas que lhe serviram de modelos. Percebe-se o pintor como um leitor que interagiu com o livro, apropriando-se e interpretando o que via, agindo efetivamente como construtor de uma linguagem pictórica. Utilizava as estampas como esquemas iconográficos, eliminando, em suas invenções, personagens e estruturas arquitetônicas secundárias, arredondando as formas, conferindo fluidez às linhas, tornando as cenas mais intimistas, amulutando feições. Em relação às das gravuras modelares, aclimatou, inclusive, as molduras de suas pinturas que imitam azulejos, transformando-as em emaranhados rococós, tendo em vista a linguagem artística mineira que o circundava. Olhou seu livro a partir



Manoel da Costa Ataíde (Mariana/MG, 1762-1830). *O Filho Pródigo decide voltar para seu pai*. Têmpera sobre madeira. Igreja Matriz de Santo Antônio, Santa Bárbara, 1806-1807. Foto: Daniela Almeida.

das concepções estéticas e simbólicas disponíveis no seu universo visual. Interagiu, também, com os textos das gravuras, amparando-se em seu dicionário de francês.

Conclui-se que os três livros de Ataíde serviram diretamente ao seu trabalho de pintor.⁴⁷ O estudo de seu inventário, já bem conhecido pelos historiadores da arte mineira, a partir do olhar da história do livro e da leitura, desvelou as ações, atitudes e escolhas do Ataíde leitor, que se apropriava dos impressos que possuía como ferramentas de seu labor pictural.

RESUMO | O presente trabalho pretende fazer o escrutínio das bibliotecas particulares de pintores que atuaram na Capitania, posteriormente Província de Minas Gerais, entre o final do século XVIII e o início do XIX, com base no levantamento de inventários *post-mortem*. Alguns livros que poderiam ter influenciado os processos criativos de seus possuidores são apresentados tendo em vista seus títulos, avaliações e conteúdos, especialmente aqueles que versam sobre a arte da pintura. Com o objetivo de perscrutar leituras realizadas, especial destaque é conferido aos usos que Manoel da Costa Ataíde fez de seus livros: uma *Bíblia* ilustrada, um livro de segredos e um dicionário de francês. Entrevê-se, assim, o papel desempenhado pelos impressos nos processos pictóricos, ponderando-se sobre as influências de seus conteúdos e os impactos que acarretaram no universo visual do período.

ABSTRACT | The present work attempts to scrutinize the private libraries of painters that worked in the Captaincy, previously Province, of Minas Gerais between the end of the eighteenth and the beginning of the nineteenth century, based on studies of post-mortem inventories. Some books that could have influenced the creative processes of their owners are presented having in view their titles, evaluation and contents, especially those that expound on the art of painting. With the objective of scrutinizing consulted works, special emphasis is conferred on the uses that Manoel da Costa Ataíde made of his books: an illustrated Bible, a book of secrets and a French dictionary. Thus we glimpse the role played by the printers in pictorial processes, ponder on the influences of their contents and the impacts that they bring about in the visual universe of the period. [Versão para o inglês de Peter Hargreaves.]

Notas

1. Os seguintes arquivos foram compulsados: Arquivo da Casa Setecentista de Mariana; Arquivo do Museu da Inconfidência - Casa do Pilar, em Ouro Preto; Biblioteca Antônio Torres, em Diamantina; Arquivo Casa Borba Gato, em Sabará, e Arquivo do Museu Regional de São João del-Rei.

2. O número de pintores que tinham livros, cinco, em relação ao total de inventários de pintores levantados, sete, pode ser considerado bastante alto, perfazendo 71,4%. Essa cifra ganha mais expressividade se a compararmos com o número de donos de livros, em relação ao número de inventários trabalhados, de indivíduos que se dedicavam a diversas atividades, em algumas vilas e cidades mineiras. Em Mariana, por exemplo, de 911 inventários, abertos entre 1714 e 1822, Luiz Carlos Villalta encontrou livros em 76, ou seja, 8,34%. Christianni Moraes encontrou livros em 26, ou seja, 8% de 324 inventários abertos em São João del-Rei entre 1831 e 1874. Foram pesquisados 456 inventários da Vila de São José del-Rei do período entre 1753 e 1840. Em apenas três, ou seja, 0,6% deles, havia livros. Júnia Furtado pesquisou 66 inventários existentes na Biblioteca Antônio Torres, em Diamantina, e encontrou livros em 14, o que representa 21,1%. Em relação a Vila Rica, Tháбата Alvarenga levantou 690 inventários, encontrando livros em 62, ou seja 9%. VILLALTA, Luiz Carlos; MORAIS, Christianni Cardoso. Posse de livros e bibliotecas privadas em Minas Gerais (1714-1874). In: BRAGAÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 405-408.

3. Arquivo da Casa Setecentista de Mariana (doravante ACSM). Inventário do capitão Luiz da Costa Ataíde, Cód. 33, auto 792, 2º ofício.

4. MARTINS, Judith. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Publicações do Iphan, 1974. p. 79.

5. ACSM. Inventário do capitão Luiz da Costa Ataíde, Cód. 33, auto 792, 2º ofício, fl. 8f.

6. ACSM. Inventário do capitão Luiz da Costa Ataíde, Cód. 33, auto 792, 2º ofício, fls. 6v. O tratado médico *Erário Mineral* foi mencionado em

dois inventários de senhores de terras de Vila Rica, entre 1750 e 1800, trabalhados por Tháбата Alvarenga. Villalta, compulsando os inventários do período colonial do Arquivo da Casa Setecentista de Mariana, identificou menção à obra em dois documentos. O título *Mestre da vida que ensina a viver e a morrer santamente* foi encontrado em 12 inventários levantados por Alvarenga. Livros de horas canônicas, como *Horas portuguesas*, *Horas de Semana Santa* etc., estão entre os títulos mais frequentemente encontrados por Villalta na cidade de Mariana (14 vezes), representando 1,14% do total de livros identificados pelo autor. ALVARENGA, Tháбата Araújo. *Homens e livros em Vila Rica*: 1750-1800. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. p. 291-292 e p. 221-299. VILLALTA, Luiz Carlos. *Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura: usos do livro na América Portuguesa*. 1999. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. p. 372 e 369.

7. ACSM. Inventário do capitão Luiz da Costa Ataíde, Cód. 33, auto 792, 2º ofício, fl. 35v.

8. ACSM. Inventário de Manoel da Costa Ataíde, Cód. 68, auto 1479, 2º ofício, fl. 3f, 5f e v.

9. ACSM. Inventário de Manoel da Costa Ataíde, Cód. 68, auto 1479, 2º ofício, fl. 5v.

10. ACSM. Inventário de Manoel da Costa Ataíde, Cód. 68, auto 1479, 2º ofício, fl. 18f.

11. MARTINS. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*, p. 78.

12. *HISTOIRE SACRÉE de la Providence et de le Conduite de Dieu sur les Hommes depuis de la Commencement du Monde jusq'aux Temps prédits dans l'Apocalypse*. Paris: Chez l' Auter, 1730.

13. *SEGREDOS necessarios para os officios, artes, e manufacturas, e para muitos objectos sobre a economia domestica extrahidos da Encyclopedia, da Encyclopedia Methodica, da Encyclopedia prática, e das melhores obras que tratarão até agora estes objetos*. Lisboa: Na Offic. De Simão Thadeo Ferreira, M.DCC.LXXXIV. MONTON, Bernardo de. *Segredos das artes liberaes, e mecanicas, recopilados, e traduzidos de varios authores selectos, que tratao de física, pintura, arquitetura, optica, quimica, douradura, e acharoad, com outras varias curiosidades proveitosas, e divertidas*. Lisboa: Offic. De Domingos Gonsalves, MDCCCLIV.

14. Apesar de o inventário ser de 1859, data que ultrapassa os marcos cronológicos do presente texto, Marcelino da Costa Pereira trabalhou durante o período visado.

15. MARTINS. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*, p. 124-125.

16. Arquivo Histórico do Museu da Inconfidência – Casa Setecentista do Pilar (AHMI-CSP). Inventário de Marcelino da Costa Pereira, Cód. 114, auto 1460, 1º ofício, fl. 6v.

17. ACSM. Inventário de Francisco Xavier Carneiro, Cód. 59, auto 1346, 2º ofício, fls. 4f.

18. MACEDO, Antonio de Souza. *Eva, e Ave, ou Maria Triunfante. Teatro de Erudição e Filosofia Cristã em que se representam os dois estados do mundo caído em Eva e levantado em Ave*. Lisboa: Por Miguel Desliandes e Antonio Crasbeeck de Melo, 1676. O livro foi encontrado no inventário de um eclesiástico de Vila Rica e era vulgarizado no seio de círculos de leitura que se reuniam nessa Vila, em 1722. ALVARENGA. *Homens e livros em Vila Rica*, p. 247. VILLALTA. *Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura*, p. 372, 381, 385 e 414.

19. DUPAIN, M. *A sciencia das sombras relativas ao desenho, obra necessária a todos, que querem desenhar architectura civil, e militar, ou que se destinão a pintura, &c..* / por M. Dupain; traduzida...por Fr. José Mariano da Conceição Velloso... – Lisboa: Offic. De João Procopio Correa da Silva, 1799. Dedicatória de frei José Mariano da Conceição Velloso à Rainha.

20. DUPAIN. *A sciencia das sombras relativas ao desenho...*

21. ACSM. Inventário de Francisco Xavier Carneiro, Cód. 59, auto 1346, 2º ofício, fl. 33v.

22. ACSM. Inventário de Francisco Xavier Carneiro, Cód. 59, auto 1346, 2º ofício, fl. 45f.

23. ACSM. Inventário de Francisco Xavier Carneiro, Cód. 59, auto 1346, 2º ofício, fls. 45v, 46f. Na avaliação, o tomo *Arte de pintura* foi mencionado como *Arte da pintura*. As *Horas Marianas*, obra do padre Francisco de Jesus Maria Sarmento, foram contabilizadas por Tháбата Alvarenga em três inventários por ela pesquisados. O *Ripança ou Officio da Semana Santa* em português também apareceu em três inventários de Vila Rica. Villalta enfatiza a proeminência dos livrinhos de Santa Bárbara entre os impressos de mais baixo custo enviados de Portugal para o Brasil. ALVARENGA. *Homens e livros em Vila Rica*, p. 177. VILLALTA. *Reformismo ilustrado, censura e práticas de leitura*, p. 365, 369 e 376.

24. ACSM. Inventário de Francisco Xavier Carneiro, Cód. 59, auto 1346, 2º ofício, fls. 47f, 51v, 52f, 52v e 53v.

25. NUNES, Filipe. *Arte da pintura: symetria e perspectiva*. Lisboa: Oficina de João Baptista Álvares, MDCCXLVII. Du FRESNOY, Charles Alphonse. *A arte da pintura*. Lisboa: Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801. LAIRESSE, Gerardo. *O grande livro dos pintores ou arte da pintura, considerada em todas as suas, e demonstrada por principios, com reflexões sobre as obras d'alguns bons mestres, e sobre as faltas que nelles se encontram*. Lisboa: Typographia Chalcographica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego, 1801.

26. NUNES. *Arte da pintura*.

27. Du FRESNOY. *A arte da pintura*, p. 7.

28. Du FRESNOY. *A arte da pintura*, p. 10.

29. Du FRESNOY. *A arte da pintura*, p. 13, 14, 15, 16, 18.

30. Du FRESNOY. *A arte da pintura*, p. 37, 46.

31. MARTINS. *Dicionário de artistas e artífices dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*, p. 49.

32. Biblioteca Antônio Torres (BAT). Inventário de Caetano Luiz de Miranda, maço 175, 2º ofício, fl. 3 f.v.

33. BAT. Inventário de Caetano Luiz de Miranda, maço 175, 2º ofício, fls. 7f até 47v.

34. BAT. Inventário de Caetano Luiz de Miranda, maço 175, 2º ofício, fls. 18v-19f.

35. BAT. Inventário de Caetano Luiz de Miranda, maço 175, 2º ofício, fls. 16f-18f.

36. Sobre o uso de gravuras, muitas delas ilustrações de livros, como modelos pelos pintores em Minas Gerais, cf. SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *Usos e impactos de impressos europeus na configuração do universo pictórico mineiro (1777-1830)*. 2009. 383 f. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

37. BAT. Inventário de Caetano Luiz de Miranda, maço 175, 2º ofício, fl. 18f-v.

38. BAT. Inventário de Caetano Luiz de Miranda, maço 175, 2º ofício, fl. 40f.

39. BAT. Inventário de Caetano Luiz de Miranda, maço 175, 2º ofício, fl. 39f.

40. POZZO, Andrea. *Perspectiva Pictorum et Architectorum*. Roma: Typographia Joannis Zempel Austriaci prope Montem Jordanus, MDCCXLI.

41. Há três estampas em cada volume que não foram contabilizadas por não serem alvos da explicação de Andrea Pozzo, servindo, apenas, de ornamentação do livro.

42. CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros*. Brasília: UNB, 1999. p. 24-25. CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 94. Sobre a variedade de formas de leitura e apropriações dos produtos tipográficos, conferir CHARTIER, Roger (Dir.). *Les usages de l'imprimé*. Paris: Fayard, 1987. p. 15.

43. MORESI, Claudina Dutra. Aspectos técnicos na pintura de Manoel da Costa Ataíde. In: CAMPOS, Adalgisa Arantes (Org.). *Manoel da Costa Ataíde: aspectos históricos, estilísticos, iconográficos e técnicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 2005. p. 112.

44. LEVY, Hannah. Modelos europeus na pintura colonial. *Revista do SPHAN*, Rio de Janeiro, n. 8, 1944.

45. LEVY. Modelos europeus na pintura colônia, p. 21-22.

46. A atribuição dessas pinturas a Ataíde certifica-se pelo estilo das peças, por ter sido ele o responsável pelas demais pinturas dessa capela-mor, e por elas se basearem em gravuras da *Bíblia* que o pintor possuía. Em 1822, ao depor em um processo movido pelos padres da capela de Nossa Senhora Mãe dos Homens contra o padre Sebastião José de Carvalho Pena, Ataíde afirmou ter feito pintura e douramento da Matriz de Santa Bárbara. ACSM. Códice 328, Auto 7803, 2º Ofício. *Apud* CAMPOS. *Manoel da Costa Ataíde*, p. 182.

47. Entre os cinco pintores donos de bibliotecas aqui avaliados, apenas dois não possuíam livros diretamente relacionados com o fazer pictural: Luiz da Costa Ataíde e Marcelino da Costa Pereira. Caso seus livros religiosos fossem ilustrados, eles poderiam estar diretamente relacionados com a pintura ao fornecerem modelos para os pintores. A afinidade entre os temas dos livros e a atividade profissional de seus donos foi identificada como algo corrente entre os donos de livros de diversas vilas e cidades de Minas Gerais. Cf. VILLALTA; MORAIS. Posse de livros e bibliotecas privadas em Minas Gerais (1714-1874), p. 411.

Camila Fernanda Guimarães Santiago é graduada, mestre e doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. É autora de *A vila em ricas festas*, além de artigos e capítulos de livros. É professora de História da Arte na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.